

O DESEJO DE SABER COMO UMA MODALIDADE DE FECHAMENTO PARA O INCONSCIENTE

Thaïs Sá P. Oliveira *

“O prazer de pensar não implica o desejo de verdade.”
(Nietzsche)

Existe uma modalidade de resistência à psicanálise que se passa no interior do movimento psicanalítico, dentro da instituição psicanalítica, protagonizada por psicanalistas e que tanto leva a um fechamento para o inconsciente, como pode ser consequência desse fechamento: o desejo exacerbado de saber.

Houve um momento na história do movimento psicanalítico em que se pode perceber um acentuado desinteresse por parte dos psicanalistas em relação à leitura e à pesquisa teóricas e, em contrapartida, uma grande polarização em torno da atividade clínica.

A convicção de que o “saber acumulado na experiência, quando não se ordena em um eixo teórico, só consegue nutrir o imaginário do analista”¹ levou a severas críticas ao ensino ministrado nas instituições psicanalíticas. Lacan produziu textos e tomou medidas de ordem prática, de âmbito institucional, no sentido de sanear essa situação. Tal preocupação levou a um movimento contrário, que se transformou, a meu ver, numa situação tão equivocada quanto a anterior, uma vez que se radicalizou, e parece ter sido utilizada para funcionar como um novo tipo de resistência. (Vale observar, inclusive, que o chamado “retorno a Freud”, que se verificou a partir dos aportes de J. Lacan, implicou também o retorno à problemática do excessivo interesse pela teoria, já presente nos primórdios da psicanálise.)²

A exacerbação do interesse teórico de um psicanalista parece tão sintomática quanto o surgimento do desejo de saber sobre a teoria durante o processo analítico, cuja presença Freud assinalou, com estranheza, em sua prática clínica. Em “Resistência e repressão”, Freud chama a atenção para isso. “Por vezes”, diz ele, “a resistência surge como resistência intelectual”... “o paciente está desejoso de argumentar; anseia fazer com que passemos a instruí-lo, ministrá-lo ensinamentos, contradizê-lo, iniciá-lo na literatura, de modo que possa adquirir mais conhecimento. O analisante está disposto a

tornar-se um ‘adepto da psicanálise’³, com a condição de que a psicanálise poupe sua pessoa.”

É inusitado, sem dúvida, que alguém em tratamento deixe de lado seu sofrimento e passe a se preocupar, predominantemente, com assuntos que dizem respeito à área de atuação de seu analista. Da mesma forma, parece insólito que um psicanalista, que se forma com objetivo de psicanalisar, transforme a pesquisa teórica e a docência em atividades-fim. Isso, com efeito, ocorre, levando o psicanalista a preferir a companhia dos livros à dos pacientes. Fenômeno semelhante, aliás, se passou na área artística com Leonardo da Vinci que, buscando atingir a perfeição em suas esculturas, veio a interessar-se com tanta intensidade pela anatomia do ser humano, cujos cadáveres dissecava, que durante algum tempo afastou-se de sua arte e passou a interessar-se apenas pela medicina.

Ao que tudo indica, desde a primeira experiência institucional vem-se travando, sem sucesso, uma luta para erradicar os desvios que vão surgindo e que vêm camuflar a resistência dos psicanalistas a conviverem com as verdades enunciadas por Freud. Antes, evitava-se o confronto minimizando a importância do conhecimento (o que se refletia em um excesso de liberdade, por assim dizer, “criativa”, na interpretação do que era verbalizado pelo analisando); hoje, o desejo de saber sobre a “verdade teórica” vem muitas vezes encobrir o medo e a ausência de desejo de saber sobre sua própria verdade. Parafraseando Freud, eu diria que muitos psicanalistas “estão dispostos a se tornar adeptos da psicanálise, com a condição de que se sintam poupados da dor que sempre emerge de uma experiência psicanalítica, abalando sobretudo as defesas narcísicas. O narcisismo como encobridor de uma autoestima extremamente desvalida.

Aqui, nos aproximamos dos efeitos do “sujeito suposto saber” como pivô da transferência, que apontaria, nessa situação particular, para a presença da transferência deslocada para a instituição.

Se o psicanalista está impossibilitado de se manter na posição preconizada por Lacan, em que “deve portar a fala”- que seria fruto da abertura para o inconsciente – “e, ao mesmo tempo, sustentá-la”, estamos diante da necessidade de colocar em questão o procedimento, na formação psicanalítica, que daria lugar a esse tipo de dificuldade. Diz Maud Mannoni que “só é possível manter no analista uma abertura para o inconsciente

O artigo foi apresentado no VIII Congresso do Círculo Brasileiro de Psicanálise - I Fórum Brasileiro de Psicanálise, em Belo Horizonte, de 06 a 09 de setembro de 1990.

se, ao longo dos anos, ele tiver sabido conservar o contato com a criança e a loucura que existem nele”. Sabemos que isso é, até certo ponto, garantido pela prática clínica, pela “reciclagem” da análise (antes chamada de “didática”) e pela adequação da instituição ao tentar favorecer essa abertura. Desta forma, **é preciso que a instituição tenha um compromisso de renovação e questionamento permanentes**, visando se prevenir contra o risco de ser usada de modo “perverso” por psicanalistas e candidatos.

O modelo de funcionamento do tipo “psicologia das massas” está sempre levando o grupo societário a buscar líderes aos quais se submeter. Esse movimento foi estudado por Lacan, que acreditou, em determinado momento, pudesse ser o mesmo contido pelo avanço teórico. Ele concluiu, não obstante, que nada criava empecilhos suficientes para o desencadeamento das leis do grupo.

Pois bem, parece que o modelo de mestre vigente na instituição determina as características almeçadas pelos membros da mesma, para si. Assim, na medida em que o mestre está mais referido ao saber (representado pelo interesse teórico) do que ao ser (representado pelo interesse clínico), é o aspecto do saber que ficará reforçado como modelo a ser seguido. No momento, entre nós, Lacan aceito como “figura de mestre”, o que se observa nas instituições que priorizam sua linha teórica é o desejo de se identificar com o mestre, não a partir daquilo que ele denunciou e desejou, mas, sim, com aquilo que ele foi. E Lacan, pode-se dizer sem hesitar, foi um grande teórico.

As leis de funcionamento do grupo, que dominam a instituição, determinam o agravamento do problema da resistência à abertura para o inconsciente. “O que constituía o vínculo social entre os primeiros analistas era o amor pela verdade”, diz Mannoni. Hoje, já não se pode dizer o mesmo. O excessivo interesse pelo saber está longe de representar o amor pela verdade, daí decorrendo uma cisão entre o que o psicanalista sabe e o que ele é e faz como participante de sua instituição, por exemplo. Digamos que o “vínculo social” se reporte mais à necessidade de proteção do psicanalista no que se refere à sobrevivência neste nosso país sempre em crise, e ao desejo de pertencer e de ser reconhecido, intensificado pela transferência residual. Esse desejo ficaria no lugar da necessidade de amor mencionada por Freud como responsável pela decisão do ser humano de se sujeitar às exigências da cultura.

Tal sujeição à escala de valores adotada pelo grupo é recompensada pelo reconhecimento do mestre. A busca insaciável de saber é legitimada pela aceitação daquele (s) a quem é oferecida. Fica implícito, porém, que **o mestre não deve ser superado**, o que confere a essa busca, ainda, a função de desviar a atenção do grupo dessa proibição esmagadora.

Quando essa interdição é infringida, observa-se um momento de ruptura em que pode ocorrer de o novo mestre se retirar para formar uma nova sociedade, longe do “pai derrubado”, levando consigo as mulheres que pretensamente pertenceriam a ele. Isso remete a um movimento que pode ser interpretado metaforicamente como uma “autoexpulsão” (autopunição) mesclada de triunfo e gozo (o pai coercitivo, que interditava, fica, agora, sem o que era unicamente de sua propriedade”).

Nesse sentido, pode-se dizer que a busca exacerbada de saber tem também essa direção: implicaria, no imaginário, o assassinato do pai, porquanto sustentada pelo desejo de superar o “mestre” e de conquistar suas prerrogativas.

A pulsão de conhecimento⁴

Há uma convergência entre o pensamento de Nietzsche e de Freud a respeito do que seria o desejo imperioso de saber. Enquanto o primeiro denuncia a predominância da tendência ao saber, o segundo estuda o superdesenvolvimento da tendência ao saber, que seria o saber como objeto de concupiscência.

Para Nietzsche, “a pulsão de conhecimento (Erkenntnistrieb) desmesurada, insaciável (...), é um sinal de que a vida ficou velha: é grande o perigo de que os indivíduos fiquem ruins⁵, pois por ela seu interesse fica fortemente preso aos objetos de conhecimento, quaisquer que sejam eles.” Em *O Nascimento da Tragédia*, Sócrates aparece como a encarnação da pulsão de conhecimento, como o tipo de homem no qual essa pulsão, monstruosamente desenvolvida, eclipsou todas as outras.

Em *A filosofia na época trágica dos gregos*, diz Nietzsche: “a pulsão de saber não dominada é em si tão bárbara quanto o ódio ao saber. (...) os gregos, por seu respeito à vida (...) dominaram a pulsão de saber, em si insaciável, pois logo queriam viver aquilo que aprendiam”. O remédio, pois, é proposto por referência à civilização

O artigo foi apresentado no VIII Congresso do Círculo Brasileiro de Psicanálise - I Fórum Brasileiro de Psicanálise, em Belo Horizonte, de 06 a 09 de setembro de 1990.

grega: “os filósofos gregos se distinguem dos modernos porque domam a pulsão desatada de conhecimento, no sentido figurado”. **No final de sua obra, Nietzsche coloca entre aspas a pulsão de conhecimento porque passa a considerá-la apenas como um reflexo intelectual da vontade de poder.**

Para Freud, “o hiperdesenvolvimento disfuncional da pulsão de conhecer baseia-se numa função substitutiva da satisfação sexual”. A partir do estudo sobre essa pulsão, em Leonardo da Vinci, é que ele vai formular a lei do superdesenvolvimento compensatório. Em “A pré-disposição à neurose obsessiva”, Freud diz que “o imperialismo particular da pulsão de conhecimento se deveria ao fato de ser um rebento da pulsão de domínio sublimada e elevada ao plano intelectual”.

Aproveito esses fragmentos de Freud e Nietzsche para reforçar minha ideia do uso compensatório e substitutivo do interesse exacerbado que os psicanalistas e os candidatos a psicanalistas vêm demonstrando pela teoria. Porventura não seria a sabedoria dos gregos, que “por seu respeito à vida dominaram a pulsão de saber... pois logo queriam viver aquilo que aprendiam”, um modelo exemplar? Não seria essa a maneira correta de o psicanalista se portar frente ao compromisso com o saber, válido apenas enquanto instrumento de busca da verdade, colocado a serviço do paciente?⁶

Engolfado no prazer compensatório de acumular saber – suponhamos que esse saber represente, no imaginário, o conteúdo do mestre e, por conseguinte, o próprio mestre –, o psicanalista procura incessantemente ser locupletado por esse saber, deixando de lado a busca de sua própria verdade que é, em última instância, a falta, nunca passível de ser preenchida.

Assim sendo, é possível dizer que a busca desse saber, da forma como se dá, teria um evidente compromisso com a fraude, levando ao fechamento para o inconsciente e impedindo a abertura para novos caminhos. Se não existe por parte do analista uma postura que lhe permita atingir a resistência do candidato, este irá apresentar uma dificuldade maior ao desempenhar, por sua vez, a função de analista. Isso ocorre porque a suspensão do desejo do analista – sem o que não existe psicanálise – não é apenas um ato de vontade mas, sim, uma possibilidade. E convém ressaltar que essa possibilidade lhe é conferida mais pela sua análise (e, obviamente, pela de seu psicanalista) do que pelo acúmulo de saber.

O artigo foi apresentado no VIII Congresso do Círculo Brasileiro de Psicanálise - I Fórum Brasileiro de Psicanálise, em Belo Horizonte, de 06 a 09 de setembro de 1990.

A carência de uma boa análise pode fazer com que o analista atribua a resistência ao analisante, incapaz de ter acesso ao fato de que a resistência realmente significativa é a sua. Nesse caso, não superada essa resistência, é mais provável que ocorra, na melhor das hipóteses, uma interrupção da análise, comumente reportada pelo analista como uma “reação terapêutica negativa”; e, na pior das hipóteses que a cura se transforme num processo sem fim que culmine com uma alta cuja justificativa é ilusória.

Uma espécie de conluio inconsciente, onde é afirmada, de ambas as partes, uma cura que não se deu. Sem dúvida, é possível encontrar dentro de uma sociedade psicanalítica analistas que recebem alta de análise sem examinar sequer seu “desejo” de ser analista, conservando incólumes conflitos e fantasias inconscientes que existiam no início do processo e que permaneceram intocáveis, incapacitando os candidatos de realizar um trabalho verdadeiramente psicanalítico. Esses candidatos conseguem exibir, entretanto, comportamentos absolutamente sintônicos aos ideais institucionais, obviamente perversos.

Podemos nos perguntar a razão de alguns psicanalistas desenvolverem um movimento na área do saber teórico, em que temas criativos e bem articulados vêm enriquecer a psicanálise ou o movimento psicanalítico, enquanto outros ficam limitados a meras circunvoluções estéreis, ruminando temas que nada de novo acrescentam.

A meu ver, o deslocamento maciço do interesse pela clínica para a o interesse pela teoria pode indicar ou comprovar a ausência ou insuficiência do exame do desejo de ser analista durante o processo analítico do candidato, assim como também pode falar a respeito de um mau trabalho da díade analista/analizando no sentido de desfazer o equívoco transferencial, associado à idealização do analista ou do “mestre”. Da mesma forma, pode apontar para uma manifestação psicopatológica, cuja tônica recairia no mecanismo de formação reativa, onde o horror pela verdade proporcionada pela experiência clínica, seria substituído pelo seu contrário, ou seja, pelo fascínio vis-à-vis a verdade a que se tem acesso através do saber teórico. No entanto, a esterilidade do encontro com esse saber, aliada à desvalorização do interesse original (no caso, a atividade clínica), nos faz pensar em um ritual obsessivo, com seus atributos de rigidez e de repetição ruminatória, que muito pouco fazem avançar o saber. Essa conjunção

de elementos pressupõe uma produção frustrada, onde nos defrontaríamos com pesquisadores e teóricos condenados a jamais suplantarem qualquer mestre, devido à pobreza de sua contribuição.

É possível, todavia, considerar que se verifique uma genuína mudança de alvo no que diz respeito ao interesse primordial do psicanalista no decorrer de seus estudos teóricos. Digamos que, inicialmente, ele estude em função do desejo de ser psicanalista, de saber sobre os efeitos do inconsciente, de exercer uma atividade tida como curativa, terapêutica, ou até mesmo filosófica, de busca da verdade. E tudo isso teria que se mostrar no curso de sua própria análise. Todavia, se num segundo momento ele tem acesso a um novo prazer – o prazer de pesquisar – que se impõe ao objetivo original de tratar ou de analisar, e a um desejo de fazer progredir a ciência que se sobrepõe ao desejo de ser analista, pode-se dizer que houve uma mutação e que existe agora outro interesse (alvo) prioritário: o desejo imperativo de saber sobre a teoria. Nesse caso, essa atividade se legitima quando o psicanalista abre mão da sua condição de clínico e se torna pesquisador.*

Como foi antes mencionado, podemos estabelecer uma comparação desse fenômeno com o que se passa no processo de transição estudado por Freud em “Leonardo da Vinci – Uma lembrança de sua infância”, onde Leonardo se torna um pesquisador, de início a serviço de sua arte, mas depois independentemente dela e mesmo dela se afastando.⁷ A atividade artística foi-se inviabilizando na medida em que Leonardo se torna mais e mais indeciso, perfeccionista e impaciente. “Mas a pesquisa”, diz Freud, “que toma agora o lugar da criação artística, parece ter contido alguns traços que caracterizam a atividade de impulsos inconscientes: insaciabilidade, rigidez de comportamento e falta de capacidade de adaptação às circunstâncias reais.” Freud atribui o fato de Leonardo não ter se transformado num neurótico obsessivo à sua tendência muito especial para a repressão dos instintos e à sua extraordinária capacidade de sublimar os instintos primitivos, o que se deveria, no entender de Freud, a fatores biológicos.

É preciso ressaltar que em todos os casos mencionados, a inexistência da análise pode ficar encoberta por uma espécie de “mudança para melhor”, uma vez que os

candidatos captam o que é valorizado pela instituição - que se norteia pelas características do mestre, ou pelo caos que pode se formar na ausência dele.

Se a figura do mestre está mais referida ao saber, tenderemos a ter análises onde a presença daquilo que Freud apontou como manifestação de resistência passaria a ser avaliado, ao contrário, como sinal de cura. Ofuscado pelo brilho do conhecimento e pela grande produção teórica do candidato, seu analista como que sucumbiria frente a essa aparência de êxito! A instituição engendraria, com seu modo de ser, uma grande leva de psicanalistas bem formados do ponto de vista teórico mas lamentavelmente mal analisados.

O psicanalista como “adepto da psicanálise”

O fechamento para o inconsciente tem como consequência a perda ou a diminuição da capacidade de inovar e de subverter o establishment, representado, nesse caso, pela instituição. O componente subversivo do psicanalista, a meu ver, ficaria preservado por se originar do seu compromisso com a verdade. Se isso não ocorre, o psicanalista é mais facilmente absorvido pelas “leis do grupo”, formando-se um círculo vicioso: seu comportamento tenderá a se padronizar. Dessa forma, ele raramente chegará a fazer uma reciclagem analítica, embora pareça reconhecer o comprometimento do esquema de onde emergiu, onde vigoravam as análises didáticas ou análises com analistas da própria instituição que possivelmente o escutaram atentos também a suas informações sobre a comunidade societária. Se a análise se passa nesse clima, é inútil negar a atmosfera promíscua que só poderá ser sanada com outra análise. Existe, na verdade, casos em que essas vicissitudes não interferem nem comprometem o trabalho analítico graças à integridade de ambos: analista e analisante, tendo o primeiro realizado uma verdadeira análise.

O “adepto da psicanálise” não demonstrará interesse em participar dos seminários clínicos que costumam fazer parte da vida institucional, uma vez que estes o remeteriam, necessariamente, a um confronto com o seu desejo, do qual tenderia a estar sempre fugindo e, com isso, propiciando a perpetuação de seus pontos cegos e inadequações técnicas. Terá tendência a fazer propostas de inovações teóricas e técnicas, principalmente quando estas favoreçam o encobrimento de sua resistência. O

O artigo foi apresentado no VIII Congresso do Círculo Brasileiro de Psicanálise - I Fórum Brasileiro de Psicanálise, em Belo Horizonte, de 06 a 09 de setembro de 1990.

“adepto da psicanálise”, perfeitamente capacitado a discorrer sobre a Ética da Psicanálise pode mostrar-se confuso quando se trata de ostentar uma conduta ética em situações bastante simples.

Para finalizar, quero ressaltar que o que se observa no movimento psicanalítico como efeito do seu fechamento para o inconsciente é, ao que tudo indica, a institucionalização de uma “perversão” que consiste em aceitar, tacitamente, que o psicanalista busque o saber sem estar interessado na verdade.

Notas

* Luis Alfredo Garcia-Roza, filósofo e teórico da psicanálise, não se arvorou, em nenhum momento, em psicanalista. Escreveu livros importantes ligados à psicanálise com a absoluta convicção de que não era um psicanalista.

1. Citação de Maud Mannoni no prefácio do livro “Da paixão do ser à loucura do saber”.
2. No Brasil, a crise econômica, associada a fatores que não cabe aqui mencionar, esvaziou o consultório dos psicanalistas, deixando-lhes tempo para estudar, publicar livros, escrever artigos, dar conferências e, especialmente, cursos.
3. As aspas são minhas.
4. Os primeiros quatro parágrafos são comentários de Paul Assoun, selecionados por mim, sobre a pulsão de conhecimento em Freud e Nietzsche.
5. Acredito que a tradução mais adequada seria “que os indivíduos se empobrecem”.
6. Em outro ensaio desta autora, “Bateu meia-noite, a carruagem se dissipou...”, publicado in Tempo Psicanalítico, vol. II, n/2, 1980, encontra-se uma alusão a essa idéia a partir de uma citação de André Gide em “Nourritures terrestres”: “Jette mon livre et quitte-moi”... “que mon livre t’enseigne à t’intéresser plus à toi qu’à lui-même, puis à tout le reste plus qu’à toi”.
7. No início, o interesse de Leonardo da Vinci pelo estudo da anatomia tinha por objetivo conferir a seus desenhos o máximo de perfeição e realidade. Depois, Leonardo se torna um pesquisador apaixonado, orientando seu interesse pelo

saber em todas as direções, o que o faz ser conhecido como inventor, e visto por muitos como um profeta.

8. O doutorado em Teoria da Psicanálise, da UFRJ, não autoriza a prática da psicanálise como clínica pelos que nele se pós-graduem.

Referências bibliográficas

ASSOUN, Paul-Laurent. *Freud & Nietzsche*. São Paulo: Editora Brasiliense.

FREUD, Sigmund. *Ed. Standard Brasileira das Obras Completas de S. Freud*. Rio de Janeiro: Imago.

“Leonardo da Vinci – Uma lembrança de sua infância” Vol. XI.

“A disposição à neurose obsessiva (Uma contribuição ao problema da escolha da neurose)” Vol. XII.

“Conferências Introdutórias”- Vol. XVI.

“Resistência e repressão”.

“A transferência”.

“Totem e tabu”, Vol. XIII.

“Psicologia das massas e análise do ego”, Vol. XVIII.

“Inibição, sintoma e angústia”, Vol. XX.

“Resistência e contratexto”

_____. *Las resistencias contra el psicoanálisis*, Vol. III. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1968.

MANNONI, Maud. *Da Paixão do Ser à Loucura do Saber* (1). Rio de Janeiro: J. Zahar Editor.

OLIVEIRA, Thaís Sá P. “Cultura e crise social: Influências nos rumos e deformações da Psicanálise”. In *Tempo Psicanalítico*, n. 24, 1990.

ROUDINESCO, E. *História da Psicanálise na França*, Vol. I. Rio de Janeiro: J. Zahar Editor.

A responsabilidade dos artigos assinados é dos seus autores.